

**INDÍCIOS DE *ETHOS* PROFISSIONAL
EM RELATÓRIO DE ESTÁGIO**

Janete Silva dos Santos (UFT)
janetesantos@uft.edu.br

RESUMO

Neste artigo, analisamos dizeres de um licenciando, relativamente ao trabalho do outro e à sua própria experiência docente, materializados em relatório específico, produzido como resultado de incursões na profissão através do Estágio Supervisionado de regência. Essas narrativas (reflexivas) destacam perspectivas do que é o estágio na visão do formando e do que por ele é considerado digno de registro. Nosso objetivo é identificar traços do *ethos* profissional construído discursivamente por esses dizeres. Desse modo, nossa análise é orientada por uma abordagem pragmático-discursiva, sendo nosso *corpus* constituído por recortes de um relatório de Estágio Supervisionado nível III, assinado por um acadêmico do curso de Letras. Nossa reflexão identifica modos conflitantes na construção de um *ethos* profissional bem qualificado por meio desse gênero discursivo, tipificado como fundamental na prática acadêmica de futuros professores.

Palavras-chave:

Performatividade. Pragmática. *Ethos* e gênero discursivo.

ABSTRACT

In this article, we analyze the sayings of one student, regarding the work of the other and his own teaching experience, materialized in a specific report, produced as a result of incursions into the profession through the Supervised Internship. These (reflective) narratives highlight perspectives on what the stage is in the learner's view and what is considered worthy of record. Our goal is to identify traces of the professional *ethos* discursively constructed by these sayings. Thus, our analysis is guided by a pragmatic-discursive approach, and our corpus consists of excerpts from a Supervised Internship Report, signed by a student of the Language Arts. Our reflection identifies conflicting ways in the constructing of a well-qualified professional *ethos* through this discursive genre, typified as fundamental in the academic practice of future teachers.

Keywords:

Performativity. Pragmatic. *Ethos* and discursive genre.

1. Introdução

Nas interlocuções, quer orais, quer escritas, há sempre indícios do *ethos* construído na troca verbal pelos interlocutores, permitindo tanto a estes como a terceiros, estes últimos com um olhar ainda mais distanciado, refletir sobre como tais marcas vão se configurando à revelia dos en-

volvidos nos atos de linguagem. Na academia, onde vários gêneros próprios desse ambiente põem os sujeitos em constante interação/embate, o relatório de estágio supervisionado se destaca como documento frutífero para análise dessas marcas, pois é um gênero pelo qual o estudante, pon-do um pé no seu futuro espaço de trabalho, indicia, ao narrar sua experi-ência, pontos de seu *ethos* profissional em construção, tendo como pri-meiro e principal destinatário dessa discursivização o docente da acade-mia, responsável pela disciplina de estágio supervisionado na qual aquele desenvolve essa etapa de seu curso, no caso do presente trabalho, o de li-cenciatura.

Desse modo, selecionamos, dentre um vasto e rico acervo de do-cumentos, produzidos pelo gênero relatório de estágio supervisionado (RES) nas licenciaturas, sobre o qual desenvolvemos pesquisas na insti-tuição onde trabalhamos, um relatório específico de um acadêmico hoje já egresso e já atuando no magistério, para discutirmos parte desse pro-cesso de construção do *ethos* nesses documentos institucionais. Assim, esta reflexão apoia-se numa abordagem discursiva bakhtiniana, bem co-mo na perspectiva austiniana pragmática, para a qual dizer é fazer, pelas quais analisamos indícios do *ethos* profissional em construção, mediante recortes de um RES.

2. Contextualizando a noção de *ethos*

A temática em questão, pontuada inicialmente pelos gregos, vai trabalhar a noção de *ethos*, cuja origem está nos trabalhos aristotélicos, como caráter moral do locutor, por isso é uma imagem que até preexistiria ao trabalho de argumentação, isto é, ao discurso proferido pelo locu-tor. Essa bagagem que acompanha o locutor é a imagem com a qual ante-cipadamente conta e pela qual, ao enunciar, afeta seu público (interlocu-tor), no sentido de já trazer construída certa medida de credibilidade (ou certa plausibilidade) em relação ao que vai dizer ou diz, a depender do ti-po de público ao qual se dirige.

Entretanto, isso é possível, na arte retórica aristotélica, por conta do tipo de provas empregadas pelo orador para persuadir (argumentos): há as que já existem e a elas basta se fazer referência, que são as provas extrínsecas ao discurso. E há as que precisam ser encontradas no trabalho argumentativo, pois são as provas intrínsecas ao discurso, criadas pelo orador (ARISTÓTELES, S/D), cujas bases (ARISTÓTELES, 2005) di-videm-se em *ethos* (caráter do orador), *pathos* (sentimento suscitado no

auditório) e *logos* (argumentos proferidos, com escolha adequada das palavras e seus encadeamentos). Ressaltamos, porém, que nosso interesse central aqui é o *ethos*.

Assim, para esse filósofo, a persuasão se dá também “por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança” (ARISTÓTELES, S/D, p. 33). Nessa mesma referência, ele reforça ainda sua posição ao destacar: “Muito errônea é a afirmação de certos autores de artes oratórias, segundo a qual a probidade do orador em nada contribuiria para a persuasão pelo discurso” (ARISTÓTELES, S/D, p. 33).

Entendemos, por essas pontuações, que aí o *ethos* (imagem/confiabilidade) do locutor tanto pode preconfigurar-se, como pode configurar-se assim que o locutor toma a palavra e dela faz uso em certa medida, considerando seu público-alvo, o que remete também ao espaço/situação em que se dá esse trabalho de apresentação de si no processo argumentativo para fins da persuasão.

Avançando e tomando a perspectiva pragmática austiniana (Teoria dos Atos de Fala), para a qual falar é agir no mundo, tem-se que falar é também agir sobre o outro, influenciá-lo, convencê-lo, persuadi-lo (por argumentos híbridos, levando-se em conta tanto os de teor mais racional, como os de teor mais apelativo/emocional) de que, ao enunciar, o que não existia passa a existir (em dada circunstância). Nesse sentido, o ato de se apresentar e de argumentar é também o ato de se localizar em relação ao outro, de se identificar a grupos, ideias, ideais, posturas etc., para, de outros, também se distinguir, de modo que o locutor não se projete nem como um estranho ao ambiente discursivo nem sem marca que o singularize naquele meio.

Desse modo, o dizer do locutor poderá se legitimar para seu auditório já a partir da imagem que o reveste, bem como pela credibilidade que seu discurso constrói sobre si mesmo. Destacamos que aqui também não basta dizer, há sempre condições necessárias para que os atos de linguagem (a performatividade) produzam seus efeitos sobre o interlocutor conforme o que for pretendido pelo locutor (AUSTIN, 1990). Uma sentença, juridicamente falando, só será aceita pelo que a recebe se for emitida por alguém na posição (institucional) de juiz e em ocasião na qual esteja, de fato, atuando como tal, dentro do rito esperado pelo público, visto que, “Além do proferimento das palavras chamadas performativas, muitas outras coisas em geral tem que ocorrer de modo adequado para

podermos dizer que realizamos com êxito nossa ação.” (AUSTIN, 1990, p. 30).

Numa sala de aula, por sua vez, há papéis previstos para os que atuam e interagem naquele espaço, naquela situação. Por exemplo: supondo que um dado aluno faça alguma exposição teórica ou aplicada e o professor (presença requerida e constituinte desse gênero discursivo: aula) a valide, os demais colegas certamente confiarão na informação dada. Se o docente não validar, a credibilidade da informação estaria, em tese, suspensa ou incerta. Esse modo de prática de linguagem regulada nesse ambiente pelo professor e sua audiência vai contribuir para a criação ou reforço de *ethos* de alunos inteligentes, esforçados, estudiosos ou, no inverso, de alunos fracos, relapsos, improdutivos, enfim, cognitivamente limitados.

Também, no círculo religioso cristão, por exemplo, somente padre ou pastor, em tese, está autorizado (teria credibilidade) a fazer/validar/celebrar o batismo de um fiel (dizer: eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo). Um ateu nem desse espaço participaria; um participante não consagrado também não teria aceitabilidade de agir nesse tipo de cerimônia/prática, concretizando-a. Assim, a performatividade, para ser exitosa, tem uma regulação, não se dá de modo aleatório. A cultura e os papéis sociais dos indivíduos nela inseridos vão organizando imaginários, crenças sobre os “rituais” de como agir no mundo através da linguagem.

Cabe então irmos agora em direção à noção bakhtiniana de gênero, que compreende os modos de interação/negociação conforme a esfera de atuação dos interlocutores, na qual cada um é provocado pelo enunciado do outro a uma réplica, alimentando assim a ininterrupta corrente discursiva. Nessa perspectiva, temos que:

Cada esfera conhece seus Gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. (BAKHTIN, 1997, p. 284)

Dadas as três referências aqui mobilizadas, é nesse circuito, guardadas as devidas fronteiras entre o escopo de cada filósofo aqui mencionado, que pensamos o *ethos* como resultante dos elementos potencializadores das práticas de linguagem, pelo jogo de imagens que se constrói entre os que investem em seus processos argumentativo-discursivos, con-

forme sua esfera de atuação, a qual orienta o gênero apropriado a cada performatividade e responsividade demandadas e pretendidas.

Nas versões contemporâneas sobre a argumentação e discurso (AMOSSY, 2005), assume-se que é, ao se discursar, que esse *ethos* efetivamente se constitui, visto que a possível imagem que o auditório (interlocutor) constrói antecipadamente daquele que discursa, ou que foi anunciado a discursar, vai ser afirmada ou dissuadida à medida que a argumentação vai tomando corpo. Já na introdução de sua obra, Amossy (2005) destaca que, ao tomar a palavra, o locutor automaticamente constrói uma imagem de si.

Para nós, então, o contorno dessas imagens resulta do trabalho de argumentação que os enunciadores empreendem em suas práticas de linguagem, nas relações interpessoais face a face ou não, o que não tem a ver (ou pouco tem a ver) com a sinceridade de suas palavras (ou de seus argumentos). O que importa é o que parece ser, é o efeito de seu discurso sobre o outro, ao parecer crível ou plausível. E isso tem a ver com o modo como o locutor se discursiviza, tendo ou não mais ou menos ciência e/ou controle sobre sua ação pela linguagem. Ou seja, o foco aí nem é apenas o que diz de si, mas o como diz e o que efetivamente faz ao dizer, isto é, tem a ver com sua performance. Amossy, radicalizando essa operação, ressalta ainda que, nessa troca verbal:

Não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. Que a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências. [...] A apresentação de si não se limita a uma técnica apreendida, a um artifício: ela se efetua, frequentemente, à revelia dos parceiros, nas trocas verbais mais corriqueiras e mais pessoais. Parte central do debate público ou da negociação comercial, ela também participa dos diálogos entre professor e alunos, das reuniões de condomínios, da conversa entre amigos, da relação amorosa. (AMOSSY, 2005, p. 9-10)

Tais posicionamentos apontam, para nós, que o lugar de fala do locutor e o modo como constrói tudo o que diz de si mesmo, direta ou indiretamente, e dos outros, são fundamentais para a construção de um *ethos* que o legitime a falar a certo público e sobre certo assunto, dentro de determinado espaço discursivo. Isso certamente vai influir a medida de credibilidade/aceitabilidade dada a seu dizer por seu(s) interlocutor(es).

Entendemos, portanto, que a construção do *ethos* não se dá apenas quando o locutor fala diretamente de si mesmo, quando se apresenta explicitamente, mas também quando e como fala sobre o mundo, ou seja, tanto quando se apresenta se autoavaliando, quanto quando avalia o outro, avalia o mundo ou as coisas no mundo, isto é, em toda sua performatividade, em toda sua ação pela linguagem.

3. Indiciando *ethos* de um professor em formação

A seguir, trazemos quatro excertos, do relatório por nós selecionado para esta reflexão, como recortes para analisarmos as marcas que, para nós, indiciam a construção de *ethos* profissional nos dizeres de um acadêmico do curso de licenciatura em Letras da instituição onde trabalhamos.

Recorte 1

“Pode-se [sic] notar que, **ao aliarmos a teoria com a prática**, o que de fato **percebemos é uma contradição de argumentos em relação à parte observada/analísada**. A **teoria indica** que o **ideal** é que a aprendizagem se dê por meio de processos de interação, malgrado que, **após as observações, fica explícito que** em sala de aula o **aluno apenas reproduz** aquilo que o professor passa no quadro.”

Nesse excerto, o locutor se projeta, por seu ato de fala, como alguém legitimado a dizer o que diz, construindo já de início sua credibilidade ao usar termos da esfera acadêmica, agindo mediante processo analítico de observação para levar seu auditório (leitor) à adesão das conclusões que propõem sobre o trabalho do outro e sobre sua própria atuação, mobilizando, em sua discursivização, modalizadores asseverativos, quer adverbiais, quer oracionais (o que ‘de fato’ percebemos...; ‘fica explícito’ que...) organizando e encadeando argumentos plausíveis a seu propósito [ao aliarmos a teoria com a prática; percebemos uma contradição de argumentos em relação à...], demarcando, assim, seu lugar de fala. Em seu discurso, desenha-se um *ethos* de professor em formação **estudioso e aplicado**, conhecedor de teorias de sua área de atuação, observador atento, capaz de avaliar a coerência ou não do trabalho alheio a partir de objetivos específicos do estágio: verificando a articulação entre teoria e prática no seu espaço de iniciação à docência.

Ao avaliar o trabalho do professor titular como “evidenciando” uma ruptura entre teoria e prática, o enunciador se coloca como alguém mais apto que o próprio professor de carreira para exercer a função, pois é capaz de discernir o que cabe a uma prática docente corroborada por

uma teoria eficaz.

Recorte 2

“Ao compararmos a forma de trabalho da docente com o ensino de gramática em relação às propostas desenvolvidas no estágio **com o tratamento dos gêneros textuais, fica evidente que os alunos preferem** mais a aula de leitura e produção textual (pelo fato de ser **uma aula mais didática**) à [sic] apenas decorarem as regras que regem a nossa língua materna.”

Ao descrever sua atitude avaliativa de comparação entre o trabalho do outro (a docente) e o seu, um *ethos* de professor **didático**, desenhado pelo enunciador, configura-se, ou seja, sua prática pedagógica lhe parece tão bem sucedida que crê também ser mais produtiva que a da própria professora titular, com a qual se compara concernente à regência, incluindo conteúdo ministrado e metodologia mobilizada. Dizemos isso porque o fragmento acima dialoga com a narrativa de uma aula sobre gêneros textuais, efetuada e descrita por esse mesmo enunciador, no estágio de regência.

Entretanto, ao fazer uso de uma modalização asseverativa categórica, informando que “**fica evidente** que os alunos preferem X a Y”, o enunciador desconsidera o grau de subjetividade de sua afirmação, pois não elenca argumentos que corroborem a leitura que ele mesmo faz dessa situação e que pretende por ela convencer seu interlocutor.

Recorte 3

“Considero que **minha experiência** de estágio **foi muito válida e extremamente enriquecedora**. Durante as cinco aulas regidas, **pude adquirir experiência e ter base para a prática docente a ser exercida**. Também conheci pessoas interessantes e divertidas, no futuro terei de **aumentar ou de recrudescer minha tolerância com as dificuldades das outras pessoas em entender algumas coisas**. Frequentemente surgiram **problemas desafiadores, que permitiram com que eu aprendesse a me portar diante de cada um deles**.”

Ao avaliar positivamente a experiência vivida no estágio, acentuada pelos modalizadores adverbiais (‘muito’ válida; ‘extremamente’ enriquecedora), da qual, segundo o enunciador, tirou bastante proveito (pode adquirir experiência; ter [desenvolver] base para a prática a ser exercida), apresenta-se um *ethos* de profissional em formação com uma característica vantajosa. Ou seja, constrói-se como **inteligente**, no sentido de que tem capacidade cognitiva considerável para aprender e fazer o que tiver que fazer. Sua limitação, apontada nesse excerto, não decorre de pouco conhecimento teórico, nem de dificuldade para compreender teori-

as ou para resolver “problemas desafiadores”, nem de falta de expertise didática, mas sim de capacidade para tolerar as limitações cognitivas alheias.

Temos aqui um *ethos* profissional em formação com uma autoestima tão elevada a ponto de admitir uma arrogância intelectual, pela pouca paciência que considera ter para com os que demonstram dificuldade em compreender o que expressa ou propõe (terei de aumentar minha tolerância com as dificuldades das outras pessoas em entender algumas coisas). Essa postura, de certo modo, conflita com a imagem de profissional didático que tentar construir ao longo de sua narrativa, por alguns de seus enunciados, considerando que a arte de ensinar deve levar em conta que a constituição dos sujeitos da aprendizagem não se dá de forma homogênea.

Recorte 4

“De forma geral **fiquei bastante satisfeito com o meu estágio, acredito que** durante esse período **pude obter um amadurecimento tanto profissional quanto pessoal** que será **extremamente importante**, válido, para mim **no próximo estágio** que acontecerá **no Ensino Médio. Espero me tornar um bom profissional e fazer** com que meus **futuros alunos** tenham **um futuro promissor**, e será bom saber que eu pude **contribuir de forma eficaz** para o sucesso de cada um deles.”

Nesse recorte, com uso abundante de destacáveis adjetivações (satisfeito, importante, válido, bom, promissor, eficaz), algumas delas acentuadas por modalizadores adverbiais de intensidade (bastante, extremamente), prossegue-se à representação de um *ethos* profissional em formação que, a um interlocutor menos atento ao apelo subjetivo do locutor por uma imagem de si altamente favorável, constrói o enunciadador como um sujeito repleto de qualidades bastante positivas. É um fragmento que corrobora um desejo de afirmação, no sentido de o locutor se destacar entre outros parceiros que participam do mesmo exercício acadêmico: vivenciar a sala de aula (com suas agruras) pelo estágio obrigatório e, ao mesmo tempo, ceder à tentação de narrar, por seu relatório, essa experiência como acentuadamente produtiva, apagando conflitos danosos a uma imagem bem qualificada que busca delinear.

Portanto, nesse recorte, temos um enunciadador que se apresenta como **bem-sucedido** (fiquei bastante satisfeito; acredito que pude obter um amadurecimento profissional e pessoal); **proativo** (pude obter um amadurecimento que será extremamente importante, válido no próximo

estágio), **engajado** (espero me tornar um bom profissional) e **agente de mudança** (espero fazer com que meus alunos tenham um futuro promissor).

4. *Algumas considerações*

À guisa de finalização não fechada, destacamos que, nos recortes aqui analisados, do ponto de vista da adequação gramatical e da organização textual, em relação ao gênero (relatório de estágio), bem como das escolhas lexicais, o texto é bem estruturado, o uso das vírgulas não é sofrível nem há problema de acentuação gráfica das palavras (com apenas um exceção: acento grave antes de verbo), a concordância e a flexão verbal, com poucas exceções (pode-se/pôde-se), seguem uma regularidade amparada na normatividade linguística da variedade de prestígio, apropriada ao gênero acadêmico em foco. Nesse domínio (linguagem escrita na esfera acadêmica), esses usos também impactam positivamente na configuração de um *ethos* favorável para um profissional (de Letras) em formação, o que contribui para certa medida de credibilidade do dizer sobre os procedimentos adotados durante o estágio supervisionado.

Por outro lado, pautando-se apenas nesse aspecto, se apresentássemos aqui outros recortes do mesmo relatório, essa imagem positiva, reforçada pela adequada composição textual e pelo repertório linguístico, poderia não se manter nessa mesma medida, haja vista haver uma ocorrência um pouco maior de inadequação gramatical por exemplo, mas, no geral, o texto apresenta qualidade inegável, o que confere ao locutor a legitimidade que busca construir, para o professor da disciplina de estágio, leitor principal de sua narrativa, sobre suas qualidades como professor em formação, demarcando indícios de um *ethos* profissional bastante positivo sobre si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. de Antônio de Carvalho. 16ed. São Paulo: Ediouro, S/D.

ARISTÓTELES. *Retórica*. 2. ed. Trad. de Manuel Alexandre Júnior; Paulo Farmhouse Alberto; Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nacional – Casa da Moeda, 2005.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ações*. Trad. de Danilo Marcondes Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.